

vítima perfeita

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

*Para a família
Aquele em que se nasce
e a que se constrói*



PRIMEIRA PARTE



PLANOS

O plano que não pode ser mudado não presta.

— Publílio Siro

Ser feliz em casa é o derradeiro resultado de toda a ambição.

— Samuel Johnson

CAPÍTULO UM



Os seus sonhos e objetivos eram simples e escassos. Como filha de ex-militar, Morgan Albright passara a infância a viajar entre países e continentes. Durante os primeiros catorze anos de vida, as suas raízes, direcionadas pelo trabalho do pai, haviam crescido curtas e finas, permitindo um rápido transplante de base para base, de casa para casa, de estado para estado e de país para país até ao divórcio dos pais.

Ela nunca havia tido escolha.

Nos três anos subsequentes ao divórcio, a mãe havia-a arrastado de um lado para o outro — uma terriola aqui, uma grande cidade acolá — em busca de... algo que Morgan nunca entendera.

Aos dezassete anos, prestes a completar os dezoito, ela própria desenterrara essas raízes para as fincar na universidade. E aí explorou os seus objetivos, sonhos e opções.

Dedicou-se ao estudo, concentrou-se numa dupla licenciatura. Gestão e hotelaria; escolhas que levavam diretamente ao seu sonho: fixar-se, ter a sua própria casa, o seu próprio negócio.

A sua vida.

Estudou mapas, bairros e climas, para reduzir as opções sobre o local onde fincaria as suas raízes assim que concluísse as licenciaturas. Queria viver num bairro, talvez antigo e consolidado, perto de lojas, restaurantes, bares... pessoas.

E um dia teria não só a sua própria casa, como também o seu próprio bar. Objetivos simples.

Assim que concluiu os cursos, instalou-se num bairro na periferia de Baltimore, estado de Maryland. As casas antigas com quintal, ainda por gentrificar, eram acessíveis.

Enquanto estudava na universidade, Morgan havia trabalhado como empregada de mesa e, após completar os vinte e um anos, como empregada de bar. E poupara.

O seu pai — o Coronel — não estivera presente na cerimónia de formatura. E embora ela se tivesse licenciado com distinção, ele não a felicitara pelos seus feitos.

Morgan não havia ficado surpreendida, pois sabia que deixara de existir para ele ainda antes que a sua assinatura secasse nos papéis do divórcio.

A mãe e os avós maternos haviam estado presentes. Ela não imaginara que seria a última vez que veria o avô. O ativo e robusto septuagenário, um homem saudável, falecera no inverno seguinte à sua formatura. Escorregara de uma escada. Uma simples escorregadela e a sua vida acabara.

Mesmo em sofrimento, Morgan aprendeu a lição.

O avô deixara-lhe vinte mil dólares e lembranças, igualmente valiosas, de passeios pelas Montanhas Verdes de Vermont nas férias de verão.

Com o dinheiro, Morgan saiu do seu diminuto apartamento e mudou-se para uma pequena casa. A sua casa. Precisava de reforma, mas tinha um jardim... que precisava de reforma.

Com três quartos pequenos e duas casas de banho minúsculas, permitia-lhe ter uma companheira de casa que a ajudasse a pagar a hipoteca e as obras.

E ela tinha dois trabalhos. Era empregada num bar do bairro cinco ou seis noites por semana, um lugar animado chamado Next Round. Como tinha uma casa para pagar, arranjou outro trabalho como gerente de escritório numa empresa familiar de construção.

Morgan conheceu a sua companheira de casa no centro de jardinagem local, quando se esforçava por escolher plantas para o terreno que circundava a casa. Nina Ramos trabalhava nas estufas e era muito competente. Hábil com um jardim que necessitava de ajuda, Nina transformou aquela difícil escolha em prazer e, na primeira primavera florescente que Morgan passava na sua própria casa, Nina mudou-se.

Ambas desfrutavam da companhia uma da outra e sabiam quando deviam dar-se espaço e sossego.

Aos vinte e cinco anos, Morgan havia realizado o seu primeiro sonho e, pelos seus cálculos, realizaria o segundo antes de completar os trinta.

A sua única extravagância estava no estreito caminho de entrada da casa. Demoraria uns anos a pagar o *Prius*, mas o automóvel permitia-lhe ir e voltar do trabalho de maneira fiável e económica.

Quando fazia bom tempo, ela ia de bicicleta para o trabalho diurno, mas

quando precisava de carro, tinha-o. Nina dizia que o automóvel era o objetivo secundário de Morgan.

A casinha na Rua Newberry exibia um bonito jardim, tinta branca fresca e uma porta nova que ela pintara de um suave e alegre tom de azul. O seu patrão na construtora Greenwald's Builders ajudara-a a restaurar o velho chão de madeira, vendera-lhe tinta a preço de custo e orientara-a nas reparações e na manutenção.

Morgan havia fincado as suas raízes e sentia-se a florescer.

Ver os narcisos com as suas trombetas coloridas ao longo do caminho de entrada recém-pavimentado fazia-a sorrir. O final de março trazia um tempo instável, mas também todos aqueles bonitos indícios de primavera. No outono anterior, ela e Nina haviam plantado um cornizo no jardim dianteiro e dava para ver que os botões estavam prestes a rebentar.

Em breve, pensou ela enquanto conduzia a sua bicicleta até ao suporte e a prendia com cadeado.

Era um bom bairro, mas Morgan não via necessidade de tentar ninguém.

Abriu a porta de casa e, como o carro pouco fiável de Nina estava estacionado junto ao passeio, gritou:

— Sou eu! Estás atrasada. — Atravessou a sala de estar e, como sempre, pensou no quão mais ampla ficaria quando deitasse abaixo a parede que tapava a cozinha.

Já tinha reservado o dinheiro para esse projeto, por isso talvez o concretizasse no outono. Talvez antes do Natal. Talvez.

— Não estou atrasada! — gritou Nina em resposta. — E tenho um encontro!

Nina tinha sempre um encontro. Mas, pensou Morgan, a verdade é que era linda, alegre e só tinha um trabalho.

Morgan parou à porta do quarto aberta.

Vários conjuntos de roupa — obviamente descartados — cobriam a cama, enquanto Nina experimentava outro diante do espelho de corpo inteiro. Os seus cabelos negros derramavam-se sobre as costas de um vestido vermelho que cingia todas as curvas do seu pequenino corpo. Os seus olhos escuros cintilaram quando fixaram os de Morgan no espelho.

— O que te parece?

— Penso muitas vezes que te odeio. Bem, aonde vais e com quem?

— O Sam vai levar-me a jantar ao Fresco's.

— Chique! Sim, o vermelho fica-te a matar.

O que lhe causava uma certa inveja. O único verdadeiro dissabor entre as duas companheiras de casa advinha do facto de, por Morgan ser alta e magra e Nina baixa e curvilínea, não poderem trocar roupa entre si.

— Vai em frente. Não andas há quase três semanas a fio a sair exclusivamente com o borracho do Sam?

— Quase quatro. — Nina deu uma volta. — Então...

— Não farei barulho quando chegar a casa.

— Gosto mesmo dele, Morgan.

— Eu também.

— Não, gosto *mesmo*.

— Ah. — Morgan inclinou a cabeça e observou atentamente a amiga. — Já sei que ele gosta verdadeiramente de ti. Está escarrapachado na cara dele. Se estás a começar a gostar dele, dou-te toda a minha aprovação de amiga.

Depois de sacudir os belos cabelos, Nina soltou um dos seus suspiros sonhadores.

— Tenho a certeza de que estou a começar a gostar dele.

— Aprovação total. Tenho de trocar de roupa para ir trabalhar.

— De trabalho em trabalho. Tenho de arrumar isto tudo e limpar este quarto. Não quero que o Sam pense que sou uma porcalhona.

— Tu não és porcalhona. — *Caótica*, pensou Morgan, mas Nina mantém o caos limitado ao seu próprio espaço.

Ao contrário do caos alegre de Nina, com paredes cor de lavanda, um toucador cheio de maquilhagem, produtos para o cabelo e só Deus sabia o que mais, o espaço de Morgan era simplesmente limitado.

Ela usava o terceiro quarto, do tamanho de um *closet*, como escritório, por isso o quarto de dormir era um refúgio: com paredes azul-claras, uns quadros que ela comprara a artistas de rua de Baltimore, edredão e almofadas brancas e uma pequena, mas aconchegante, poltrona de leitura.

Despiu a roupa de gerente de escritório — calças cinzentas, camisa branca e *blazer* azul-marinho — e vestiu o uniforme de empregada de bar — calças pretas e camisa branca. Na casa de banho, abriu a gaveta onde guardava os cosméticos organizados para fácil escolha e mudou a maquilhagem de dia para noite.

O corte curto e enviesado dos seus cabelos louros adequava-se a ambos os trabalhos, mas para o de empregada de bar usava uma pintura mais carregada nos olhos e nos lábios.

Com anos de prática, concluiu a transição em menos de vinte minutos.

Como não iria ter um jantar chique no Fresco's, correu até à cozinha e tirou um iogurte do frigorífico. Comeu de pé, imaginando a divisão sem a parede, com novas portas e maçanetas nos armários, umas prateleiras, uns...

— *Amiga mia*, precisas de comer comida.

— Iogurte é comida.

Agora de roupão, Nina apoiara as mãos nas ancas.

— Algo que requeira garfo e faca, e mastigação. Tu és naturalmente alta e elegante, sacana, mas se não comeres, ficarás escanzelada. A sério, uma de nós tem de aprender a cozinhar. — Nina espetou o dedo com uma unha pintada de coral e apontou-o para Morgan. — Estás nomeada.

— Certo, fá-lo-ei nos meus tempos livres. Além disso, és tu quem tem uma mãe que cozinha como uma deusa.

— Virás comigo ao jantar de domingo. Não me digas que tens trabalho... folhas de cálculo ou outra coisa qualquer. Sabes que a minha mãe e o meu pai te adoram. E o meu irmão Rick também lá vai estar.

Com o iogurte numa mão e a colher na outra, Morgan agitou-as como se estivesse a apagar um quadro.

— Não vou namorar com o teu irmão, por mais giro que ele seja. Seria loucura. Não vou perder-te como companheira de casa por namorar, fazer sexo e acabar com o teu irmão.

Nina encostou uma argola de ouro a uma orelha e um pingente de três círculos à outra.

— Qual?

Morgan apontou para o pingente.

— Mais chique.

— Muito bem. E pode ser que saias com o Rick, que façam sexo e se apaixonem.

— Não tenho tempo. Dá-me dois anos, talvez três; então terei tempo para isso.

— Eu também gosto de fazer planos, mas não para o amor. Agora distraíste-me. Tens de comer.

— Comerei alguma coisa no bar.

— Jantar de domingo — insistiu Nina quando Morgan deitou fora o copo do iogurte e lavou a colher. — Vou dizer à minha mãe que tu vais e assim que eu lhe disser, não há volta a dar.

— Adoraria ir, sinceramente. Deixa ver como corre a semana. Temos tido muito trabalho na construtora. A primavera põe toda a gente com vontade de remodelar, pintar ou construir *decks*. — Agarrou na carteira e prosseguiu: — Diverte-te esta noite.

— Podes crer que sim. Vou ligar à minha mãe antes de me pôr linda.

— Estás sempre linda.

Morgan correu até ao carro. Satisfeita por ter conseguido arranjar algum tempo, conduziu os quatro quilómetros e meio até ao centro da localidade.

As lojas ao longo da rua a que os habitantes da vila chamavam de «Milha

do Mercado» (que, na verdade, tinha mais de uma milha) fechariam em menos de uma hora. Mas os restaurantes e cafés manteriam a Rua do Mercado iluminada e movimentada noite dentro.

A maior parte dos edifícios — de azulejos rosados ou pintados de branco — tinha as lojas no piso térreo e apartamentos nos pisos superiores. O Next Round não era exceção e costumava arrendar a clientes e funcionários que não tinham qualquer problema em viver por cima de um bar.

Morgan saiu da Rua do Mercado e contornou até ao estacionamento nas traseiras do bar. Depois de trancar o carro, atravessou a gravilha até à porta das traseiras da cozinha e entrou no ambiente quente e ruidoso.

O Next Round servia hambúrgueres, comida a vapor, nachos com batatas fritas, rodela de cebola, *pickles* fritos e três variedades de asinhas de frango.

Quando abrisse o seu próprio bar, Morgan tencionava oferecer mais algumas opções de comida, de preferência surpreendentes.

E talvez devesse primeiro aprender a cozinhar, porque nunca se sabia quando seria necessário dar uma mão na cozinha.

— Olá, Frankie! — gritou ela para a mulher que se ocupava do grelhador, enquanto pendurava o casaco num cabide. — Como vai isso?

— Bastante bem. — Com a sua volumosa cabeleira negra enfiada debaixo de uma boina branca, Frankie virou três grandes hambúrgueres. — O Roddy e os irmãos vieram jantar antes do torneio de dardos. Podes dar graças por não teres estado aqui durante a *happy hour*. Isto esteve à pinha.

— Eu gosto disso.

Morgan cumprimentou dois cozinheiros, o lavador de pratos adolescente e a empregada de mesa que entrou para recolher um pedido de nachos bem recheados. Embora faltassem ainda dez minutos para o início do seu turno, atravessou a porta em direção ao bar.

Ali o ruído era de outro tipo, pensou. Diferente do rechinar da carne no grelhador, dos golpes de facas, do estridor de pratos. Ali, as vozes enchiam a sala ampla com o seu longo balcão preto, as mesas e reservados. A música saía da *jukebox*, mas não suficientemente alto para abafar as conversas.

Viu Roddy e os irmãos, clientes habituais, no reservado que costumavam ocupar junto ao alvo dos dardos, a beber cerveja e a comer frutos secos. *Coors* para Roddy e o irmão Mike, pensou ela, e *Heineken* para o irmão Ted. Se o pai se lhes juntasse, pediria uma cerveja de barril.

Passou para o outro lado do balcão, onde trabalhavam os empregados de bar. Ia substituir Wayne, que naquele momento adicionava uma rodela de lima a uma garrafa de *Corona*.

— Isto está um bocado mais calmo — disse-lhe ele, e dirigiu-lhe o seu

sorriso radiante. — O tipo ao fundo do bar ainda não pagou e vai no segundo *vodka tonic*, por isso fica atenta. — Serviu a *Corona* a outro cliente sentado ao balcão e trocou algumas palavras antes de se voltar novamente para Morgan. — Está à espera de alguém que conheceu no *Match.com*, para o primeiro encontro. Ela está atrasada e ele está nervoso.

Era giro e tinha pinta de *nerd*, decidiu Morgan. Podia apostar que ele tinha um sistema completo de consolas de jogos na sua sala de estar.

— Entendido.

— Bem, então vou picar o ponto. Bom trabalho.

Como sempre, ela verificou o *stock* de gelo, limas e limões, azeitonas e cerejas. Preparou um par de pedidos das mesas e estava prestes a servir uma *Corona* quando viu uma mulher de uns trinta anos entrar e olhar ansiosamente em volta antes de se aproximar do tipo sentado ao balcão.

— Dave? Sou a Tandy. Desculpa ter chegado um pouco atrasada.

Ele alegrou-se de imediato.

— Ora, não te preocupes com isso. É um prazer conhecer-te. Queres ir para uma mesa?

— Podemos ficar aqui. Parece-te bem? — Sentou-se no banco ao lado dele.

Morgan deslocou-se ao longo do bar enquanto sorriam um para o outro com expressões de ansiedade e esperança.

— Olá. O que posso pedir para ti esta noite?

— Ah. Hum. Pode ser um copo de *Chardonnay*?

— Claro que pode. Adoro os teus brincos.

— Oh. — Tandy levou uma mão à orelha esquerda. — Obrigada.

— São muito bonitos — acrescentou Dave. — Estás muito gira.

— Obrigada. Tu também. — Tandy riu-se enquanto Morgan servia o vinho. — Uma pessoa nunca sabe, não é? Eu estava tão nervosa que dei voltas ao quarteirão. Foi por isso que cheguei um pouco atrasada.

— E eu estava tão nervoso que cheguei vinte minutos adiantado.

Gelo quebrado, pensou Morgan enquanto servia o vinho. E aquela era uma das razões pelas quais ela adorava trabalhar num bar, admitiu para si mesma. Uma pessoa nunca sabia o que poderia começar, terminar, florescer ou quebrar num acolhedor bar de bairro.

Quando Roddy e os irmãos se lançaram aos hambúrgueres, o estabelecimento começou a encher. O casal do *Match.com* decidiu ocupar uma mesa e pedir um prato de nachos.

Morgan apostou mentalmente que teriam um segundo encontro.

O cliente do *vodka tonic* pagou e deixou uma mísera gorjeta.

Os dardos cravavam-se no alvo, arrancando aplausos e assobios aos espetadores.

Um homem de trinta e poucos anos entrou no bar. Aos olhos de Morgan, parecia uma estrela de cinema incógnita, com os seus cabelos louro-escuros, os traços vincados e o corpo tonificado, envergando calças de ganga, botas e uma camisola azul-clara — aparentemente de caxemira. Sentou-se num banco alto.

Morgan aproximou-se dele.

— Bem-vindo ao Next Round. O que desejas?

— Desejo muitas coisas. — O homem dirigiu-lhe um sorriso fácil, encantador. — Mas comecemos com uma cerveja. Têm cerveja de barril local?

— Claro. — Embora tivessem listas impressas em suportes sobre o balcão, Morgan enumerou-lhas.

— Talvez pudesses escolher-me uma.

— O que procuras?

— Mais uma pergunta carregada de segundos sentidos.

Ela sorriu-lhe. Morgan supunha que, para além da bebida, o homem estivesse à procura de conversa. E não havia nenhum problema com isso.

— Numa cerveja.

— Suave, mas não desenxabida. Rica, mas não em exagero. Mais para o tostado.

— Prova esta. — Agarrou num copo de prova e serviu um pouco.

Enquanto provava, o homem observou-a sobre a borda do copo.

— Pode ser. Boa escolha.

— É o meu trabalho.

Antes que ele pudesse falar, uma das empregadas de mesa aproximou-se.

— Aquela mesa de miúdas está empancada nos anos noventa. Quatro *Cosmos*, Morgan. — Levou a bandeja de copos vazios para a cozinha enquanto Morgan deitava mãos à obra.

— Tu sabes o que fazes — comentou o novo cliente enquanto ela preparava as bebidas.

— Mal seria se não soubesse. Estás na vila em trabalho?

— Não pareço daqui?

Quase, pensou ela. Usava roupa de marca, mas não de modo ostensivo.

— Nunca te vi por aqui.

A sala encheu-se de aplausos.

— Torneio de dardos — disse ela.

— Estou a ver. É a sério?

— À sua maneira. Desejas mais alguma coisa? Gostarias de ver a ementa?

— A comida é boa?

— É. — Morgan agarrou numa ementa e pousou-a ao lado dele. — Dá uma olhada, sem pressas.

Depois de preparar os *Cosmos*, deslocou-se ao longo do bar. Enquanto anotava e preparava pedidos, ia conversando com clientes habituais. Voltou para trás.

— Vou experimentar o hambúrguer *Rua do Mercado*, a menos que me digas que estou a cometer um erro.

— Por algum motivo é um clássico. Se gostares de sabores intensos, de um pouco de fogo, escolhe as batatas fritas picantes.

Ele levantou as mãos.

— Nunca me dás más dicas.

Ela riu-se e registou o pedido dele na máquina.

Com os seus quase dois metros de altura e mais de cem quilos, Roddy aproximou-se do balcão.

— Mais uma rodada, querida. Como vai isso? — perguntou descontraidamente ao tipo atraente enquanto Morgan preparava o pedido.

— Cerveja gelada, empregada de bar gira, desporto ao vivo. É uma boa conjugação.

— Pois é. Fiquei à frente nas semifinais. Dá-me sorte para as finais, Morgan.

Ela inclinou-se para a frente e deu-lhe um chocho.

— Vai-te a eles.

— Podes crer. — Roddy agarrou nas cervejas e afastou-se.

— Namorado?

Ela olhou para o cliente.

— Não, não. O Roddy e os irmãos... os jogadores dos dardos... são clientes habituais. Na verdade sou colega da namorada dele no meu outro trabalho.

— Dois empregos? Ambiciosa. Qual é o outro?

— Gerente de escritório numa empresa de construção. O que é que fazes?

— Gostaria de dizer que é o que me apetece, porque pelo menos é o que tento fazer. Trabalho em informática. Estarei por cá um par de meses a fazer consultoria.

— De onde és?

— Viajo muito. Sou natural de São Francisco, mas agora estou em Nova Iorque, pelo menos a maior parte do tempo. És daqui?

— Agora sim.

Aproximou-se outra empregada de mesa, que comunicou rapidamente outro pedido.

— Sou filha de militar — disse ela enquanto o preparava.

— Então sabes o que é vida de nómada.

— Sim. E estou feliz por ter deixado isso para trás.

Quando chegou o pedido, ele olhou atentamente para o prato.

— Aqui são generosos nas doses.

— É verdade. Queres uma mesa?

Ele dirigiu-lhe aquele sorriso encantador.

— Gosto desta vista. Chamo-me Luke — acrescentou. — Luke Hudson.

Ele comeu, pediu outra cerveja e ficou até ao final do torneio. Fez perguntas, mas sem parecer invasivo. Conversa de bar, na opinião de Morgan. Ela também lhe fez umas quantas.

Luke estava hospedado no hotel da vila. A sua empresa podia alugar-lhe uma casa, mas ele gostava de hotéis e de se entrosar com a vida local, para onde quer que viajasse.

Perguntou-lhe onde é que o pai dela havia estado colocado e em que lugares tinha gostado mais de viver. Uma conversa descontraída, enquanto ela preparava bebidas, limpava o balcão e conversava com outros clientes.

— Tenho de ir andando — disse ele. — Não tencionava ficar tanto tempo, mas parece que encontrei o meu bar de eleição.

— É um bom bar.

— Até breve. — Quando se levantou, surpreendeu-a ao estender-lhe uma mão. E segurou na dela enquanto lhe sorria olhos nos olhos. — Foi ótimo passar tempo contigo, Morgan.

— Foi um prazer falar contigo.

— Repetiremos.

Luke pagou em dinheiro e deixou uma gorjeta muito generosa.

Um par de noites depois, Luke entrou quando o turno de Morgan já ia longo. Era noite de *quiz* no Round e o nível de ruído era alto, enquanto várias mesas e grupos gritavam respostas.

— Escolhe outra cerveja de barril local — disse ele a Morgan. — Algo... aventureiro. — Olhou pra trás, para alguns dos jogadores. — Esta noite não há dardos?

— É noite de *quiz*. Todos podem participar, por isso grita quando quiseres.

— Qual é o prémio?

— Satisfação. — Deu-lhe a provar um copo.

— Interessante e aventureiro — decidiu ele. — E nota-se um sabor a cerveja preta. Vamos a isso.

Morgan sorriu-lhe enquanto tirava a cerveja.

— Alguma coisa para acompanhar?

— Por enquanto é só a cerveja. Tive um dia longo.

— Vida no mundo da tecnologia?

— Tal como a cerveja, é interessante e aventureira. Como vão as coisas no teu mundo?

— Muito trabalho, mas eu gosto de trabalhar.

Morgan serviu pedidos, deslocando-se ao longo do balcão, mas, com o jogo no seu auge, pôde fazer uma pequena pausa.

— O que fazes quando não estás a trabalhar? — perguntou-lhe Luke.

— Se algum dia isso acontecer, aviso-te.

— Tens de dar descanso à mente, ao corpo, ao espírito e tudo isso. Pinta-me um dia de folga.

— «Pintar» é a palavra certa. A minha casa está a precisar de pintura, mas ainda não está pronta para isso. E com a aproximação da primavera, vamos começar a plantar.

— Vamos?

— Eu e a minha companheira de casa.

— Então, ela é habilidosa?

— Sim, tem muito jeito para plantar, embelezar as fachadas. Trabalha num centro de jardinagem. Quanto à decoração interior, a Nina não é assim tão habilidosa, mas eu não me saio mal.

— Trabalhas numa empresa de construção — salientou ele. — Dá jeito.

— Ajuda.

— Quando se é proprietário de uma casa, há muita manutenção a fazer. Acho que foi por isso que nunca quis comprar casa. Não sou habilidoso. E depois há o trabalho. — Apontou novamente para ela. — Filha de militar, por isso querias fincar raízes.

— Precisamente.

Morgan preparou um *cocktail* com uísque e tirou duas cervejas antes de voltar a dar-lhe atenção.

— O que te fez escolher esta zona? Se é que posso perguntar.

— Tinha o que eu queria. Quatro estações, fica perto da cidade e não é uma povoação pequena nem grande. É mesmo do tamanho certo.

Morgan pousou uma taça com rosquilhas diante dele.

— É uma zona agradável, ideal para os melhoramentos que parece estar a fazer na tua casa. É por isso que aqui estou. Há proprietários de casas e de lojas que querem incrementar a sua tecnologia, um par de empreendimentos onde as pessoas querem optar por casas inteligentes. Casas antigas e novos

compradores em busca de lhes dar uma nova vida ou simplesmente modernizá-las. — Encolheu os ombros. — O que eu faço faz parte da infraestrutura. Hoje em dia toda a gente tem escritórios e eu posso montá-los. Tu deves ter um.

— Tenho. Não é particularmente inteligente, mas funciona.

O jogo terminou com gritos de alegria e apupos, e uma rodada de bebidas e petiscos. Enquanto trabalhava, Morgan reparou que ele estava a conversar com outro cliente. Basebol. Parecia conhecer o suficiente do assunto para manter a conversa animada.

— Pronto para outra?

— Sim, obrigado. E tu, Larry? Pago eu.

— Não digo que não. Como vai o carro da Nina?

— Mal e porcamente.

Larry abanou a cabeça e esfregou a sua curta barba.

— Ela tem de o levar à oficina.

— Eu digo-lhe. O Larry é o melhor mecânico de Baltimore — disse ela a Luke. — Manteve o carro da Nina a funcionar muito além da sua data de validade.

— Faço o que posso. Continuas a gostar do *Prius*?

— É perfeito.

Morgan pousou as bebidas diante deles e serviu outra rodada para uma mesa de seis. Larry começou a falar de carros e motores e, mais uma vez, Luke parecia saber o suficiente para manter a conversa.

— Tenho de ir. — Larry levantou-se. — A minha mulher deve estar em casa ou a chegar. É a noite do seu clube de leitura, o que serve de desculpa para beber e mexericar. Foi um prazer falar contigo, Luke. Obrigado pelo copo.

— Sempre às ordens.

— Mais uma rodada? — perguntou-lhe Morgan.

— Duas bebidas é o limite. É melhor ir andando, amanhã tenho um dia atarefado. — Luke pagou a conta e deu uma generosa gorjeta. — Podia dizer-te para não trabalhares de mais, mas certamente fá-lo-ás. Foi bom voltar a ver-te.

— Boa sorte no mundo da tecnologia.

Ele dirigiu-lhe um sorriso e saiu calmamente.

Luke apareceu de novo numa movimentada noite de sexta-feira. Morgan estava com o empregado de bar, que trabalhava em *part-time* aos fins de semana, a tentar controlar a multidão. Luke encostou-se ao balcão, dado que todos os bancos estavam ocupados.

— Surpreende-me. Tive uma semana fantástica.

— Parabéns. Fim de semana livre?

— Ah, alguma papelada e planeamento amanhã, mas sim. Alguma sugestão de como devia passar o resto do fim de semana?

— Podias ir visitar Baltimore. Inner Harbour, o aquário... e é o início da temporada para os Orioles em Camden Yards.

— Queres acompanhar-me e mostrar-me a cidade?

Ela não podia dizer que a proposta tinha sido inesperada. Morgan sabia quando um homem estava interessado. Não deu importância; fazia parte do trabalho.

— Não posso. No sábado tenho assuntos da casa a tratar e de noite estou aqui a trabalhar. Já tenho compromissos no domingo. Mas agradeço a proposta.

Luke provou a cerveja que ela lhe estendeu.

— Estou a instruir-me sobre as cervejas locais. É boa, tira-me uma. — Esperou que ela o servisse. — Olha, se eu estiver a ser intrometido ou já estiveres envolvida, diz-me. Sem problema. Mas gostavas de ir jantar comigo uma noite destas? Uma noite em que não estejas a trabalhar?

» Sem pressão — acrescentou ele quando ela hesitou. — Só para comer e conversar. Gostas de piza?

Por alguma razão, o tom descontraído relaxou-a.

— Desconfio das pessoas que não gostam.

— A piza do Luigi's é boa.

— É a melhor das redondezas.

— Então, podíamos comer piza, beber um vinho. Podíamos encontrar-nos lá.

Ela não tinha um encontro há... não queria pensar nisso. Porque não?

— Segunda-feira à noite estou livre.

— Às sete no Luigi's?

— Claro. Parece-me bem.

— Importas-te que troquemos os números de telefone? Espero que não mudes de ideias, mas caso o faças...

Ela tirou o telemóvel do bolso e agarrou no dele para que pudessem adicionar os seus contactos.

— Se estiveres a pensar ficar um bocado e quiseres sentar-te, o casal que está no terceiro e quarto bancos a contar daqui deve sair quando terminar as bebidas e os nachos.

— Obrigado. Vou esperar.

Ela sorriu-lhe e voltou ao trabalho.

Ele ocupou um banco, tomou as suas duas cervejas e saiu pouco depois da meia-noite.

— Segunda-feira à noite — disse ele. — Bom fim de semana.

— Para ti também.

— Que belo exemplar. — Gracie, a empregada de mesa, ficou a olhar para ele. — E está de olho em ti, lindinha.

— Talvez. Parece simpático, equilibrado... e só vai estar por cá durante uns meses.

— Aproveita enquanto é tempo.

— Talvez — repetiu ela.

CAPÍTULO DOIS



Morgan passou a manhã de sábado em casa a lavar roupa, a fazer limpezas, a sonhar com derrubar paredes, pintar tudo de novo e trocar os balcões. Fez as compras semanais, incluindo o que estava na lista de Nina, e deixou o recibo no quadro da cozinha para a contabilidade mensal.

Quando Nina voltou do trabalho naquela tarde, com um tabuleiro de amores-perfeitos, sacos de terra e de turfa, tiraram os vasos do armário. Um dia, pensou Morgan, queria floreiras nas janelas. Mas também queria persianas novas e um adorável alpendre dianteiro.

Segundo os seus cálculos, haveria dinheiro para tudo isso na primavera seguinte. Por enquanto, teria de se contentar com os vasos de amores-perfeitos.

— Fala-me mais do tal Luke.

Com o casaco de capuz fechado contra a brisa de inícios de abril, Morgan calcava terra em torno de uns alegres amores-perfeitos.

— Na verdade, não há muito a dizer. É técnico de informática e deve ser bom, senão a empresa dele não o mandaria semanas e meses a fio para um determinado território. Ou como raio lhe chamam. Além disso, veste-se bem. Não de modo snobe, simplesmente bem.

— Disseste que ele era um borracho.

— Disse, porque é verdade. E é educado, simpático. Bebe, no máximo, duas cervejas. Vou sair para comer piza com um homem que está cá de passagem, Nina. Não vamos escolher louça para a casa.

Nina levantou o seu chapéu.

— Quando foi a última vez que saíste com alguém para comer piza, ou para qualquer outra coisa?

— Não vás por aí.

— Tu é que não vais por aí, porque sorris e dizes sempre que não. Porque é que aceitaste? Por ele ser um borracho?

Morgan encolheu os ombros, um pouco encabulada.

— Mal não faz. Às vezes posso ser fútil. Mas ele é uma pessoa interessante e não se limita a falar. Ele escuta. É agradável. Eu acho-o simpático.

— E temporário.

— Sim, e temporário, o que neste momento é uma vantagem. Também será agradável dentro de uns cinco, seis, quiçá sete anos, tentar algo permanente. — Os seus olhos, verde-garrafa como os do Coronel, ficaram um tanto sonhadores. — Apaixonar-me, tirar um tempo, pensar em construir uma família. Mas primeiro tenho de me estabelecer. Céus, estas flores são tão lindas! Fui inteligente em escolher uma jardineira para companheira de casa, não?

— Inteligentíssima. Quando chegar a hora, e o Sam está claramente à frente dos outros, quero ter um jardim enorme, portanto tenho de ter um grande terreno. A casa pode ser pequena, mas o terreno tem de ser gigante. — Deitou-se de costas sobre a erva fria. — Árvores de sombra e ornamentais, caminhos sinuosos atravessando canteiros de corte e de borboletas. Casas para pássaros e fontes. Quero tudo.

Morgan estendeu-se ao lado da amiga.

— Devíamos arranjar uma casa para pássaros. Não sei bem o que é canteiro de corte, mas agora quero um.

— Posso tratar disso. — Nina estendeu a mão para apertar a de Morgan. — Adoro este lugar. Não tem o terreno gigante dos meus sonhos, mas tem muito potencial. Sobretudo porque deixaste tudo nas minhas mãos.

— Cada um faz o que sabe fazer melhor.

— Devias convidar o borracho para jantar cá.

— Nós não sabemos cozinhar.

— Podemos preparar alguma coisa em conjunto. Eu posso pedir à minha mãe algo simples, mas impressionante. Ela saberá. Vamos limpar isto, entrar e decidir o que levarás vestido para o teu encontro.

— É só uma piza, Nina.

— Hoje é piza. Amanhã, quem sabe? Cada um faz o que sabe fazer melhor — recordou-lhe Nina enquanto se sentava. — Encontros são o meu forte. Creio que devias optar por um visual descontraidamente *sexy* para uma piza com o borracho viajante.

— Posso não ter nada desse estilo.

— Vai por mim, eu também consigo tratar disso.

...

Morgan indagara-se se o borracho viajante passaria pelo Next Round na noite de sábado e depois perguntara-se o que diria sobre si o facto de ter ficado desapontada por ele não o ter feito. Disse para si mesma que havia sido melhor assim, pois o bar estivera outra vez à pinha.

E aceitara fazer um pequeno turno de tarde, quando o empregado de bar de domingo tivera de ser submetido a uma apendicectomia de urgência. Depois fora diretamente para o jantar de família de Nina e desfrutara de uma magnífica *paella* e de muitas gargalhadas.

Na segunda-feira, depois do trabalho, voltou de bicicleta para casa. Como havia passado parte do seu pouco tempo livre do fim de semana a verificar e a reverificar as suas finanças, e a projetar quanto poderia gastar, havia falado com o patrão da empresa de construção sobre o orçamento para derrubar a parede e remodelar a cozinha: novos eletrodomésticos, novos balcões, novos armários. Tudo.

Com esse valor em mente, pedalou até casa, ajustando os planos às suas finanças. Pintaria os armários em vez de os substituir... por enquanto, porque se recusava a desistir da ilha de cozinha dos seus sonhos.

Quando estacionou a bicicleta, Nina apareceu à porta de casa.

— Estás com pouco tempo.

— Tenho uma hora e meia. Quase.

— Entra, *amiga mia*. Temos trabalho a fazer. Vou maquilhar-te.

— Eu sei maquilhar-me.

— Tu sabes fazer a maquilhagem de gerente de escritório e a maquilhagem mais sensual de empregada de bar. Mas sabes fazer a maquilhagem para um encontro descontraidamente *sexy*?

— Isso é muito específico, mas provavelmente.

— Nada de probabilidades. — Nina agitou um dedo. — Para a minha casa de banho. Já preparei tudo. Levei um banco, visto que és quinze centímetros mais alta do que eu.

— Dezasseis centímetros.

— Esfrega-me isso na cara, pernalta.

Como seria de esperar, Nina levou quase metade do tempo de que Morgan dispunha a aperfeiçoar o seu trabalho.

— Acho que a minha cara ganhou dois quilos.

— Vale cada grama. Olha-me só para esta cara. Tens uns olhos verdes lindos, mas agora estão deslumbrantes! Sou mesmo boa.

Morgan não podia discordar, não quando os seus olhos pareciam enormes e o verde mais profundo, e a sua pele estava fresca e hidratada apesar — ou por causa? — das infindáveis camadas e misturas.

— O brilho vermelho nos lábios fica mesmo bem — decidiu Nina, verificando os resultados do seu trabalho. — Um batom mate teria sido demasiado *sexy*. Assim está bom. Tens uns lábios perfeitos, carnudos e largos na medida certa. Vai vestir-te.

— O que fazes esta noite?

— Vou ficar em casa. — Nina seguiu-a até ao quarto, só para se assegurar de que Morgan vestia o que já havia escolhido.

— A sério?

— Há muitas sobras da comida da minha mãe, do jantar de ontem. Esta noite é para descansar e tratar de mim. Banho de espuma, máscara de cabelo, máscara facial. Um *longo* banho de espuma com um copo de vinho e velas. Uma noite para cuidar de mim. Depois quero saber tudo sobre o teu encontro.

— É só uma piza. — E agora todos aqueles preparativos estavam a deixá-la nervosa.

— Há que começar por algum lado. Céus, tens um rabo espetacular — acrescentou ela quando Morgan se enfiou dentro de umas calças de ganga justas. — Umhas pernas quilométricas encimadas por um rabinho jeitoso.

Morgan olhou por cima do ombro e abanou o rabo.

— Estás a atirar-te a mim?

— Se o viajante não o fizer, há algo de errado com ele.

— Não estou à procura disso. — Morgan vestiu a camisola azul-vivo. — Quiçá, dependendo, um gesto subtil pudesse ser aceitável.

Sob o olhar atento de Nina, trocou os brincos por uns pingentes, calçou as suas melhores botas e vestiu o casaco de couro cinzento-pedra, um presente de Natal da sua mãe.

— Estou bem?

— A descontração *sexy* em pessoa. — Nina tirou um pequeno atomizador do bolso. — Caminha sob o *spray* — ordenou ela, e pulverizou o ar.

Morgan revirou os olhos e atravessou a nuvem de gotículas.

— Perfeito. Agora vamos beber um copo.

— Eu vou tomar um copo de vinho com o jantar.

— Tu vais beber um pouco agora, só para relaxares. E se enlouqueceres e tomares dois copos com o jantar, leva o teu acompanhante a dar uma volta pela Rua do Mercado, até ao parque e ao lago, e depois voltem. De facto, precisas do meu lenço azul florido. Será o toque perfeito.

Às sete em ponto, apesar da insistência de Nina para que não fosse pontual, Morgan entrou no Luigi's. O restaurante ressoava com o burburinho que, a seu ver, um bom restaurante devia ter, e cheirava a molho, especiarias e queijo derretido.

Morgan ficou aliviada ao ver Luke já num reservado, e o sorriso que ele esboçou quando a viu não lhe feriu minimamente o ego.

Quando ela se aproximou, ele levantou-se, agarrou-lhe na mão e beijou-a levemente na face.

— Estás um espetáculo.

— Obrigada. Espero que não tenhas estado muito tempo à espera.

— Acabei de chegar. Que casaco fabuloso — comentou ele enquanto a ajudava a despi-lo.

— Um presente da minha mãe.

— Tem um excelente gosto. Pedi uma garrafa de vinho tinto quando cheguei. Espero que não te importes. Se quiseres, podemos pedir outra coisa.

— Pode ser tinto. Como foi o teu fim de semana?

— Produtivo. Segui o teu conselho e fui até ao Inner Harbour. — Sorriu para a empregada de mesa quando ela chegou com o vinho.

— Já decidiram o que vão pedir?

— Dê-nos mais alguns minutos.

— Sem problema. Estejam à vontade.

Luke levantou o copo.

— A uma noite agradável em boa companhia. Pensei mesmo que podias mudar de ideias.

— E desperdiçar piza grátis?

Ele riu-se.

— Gostas de piza de quê?

— Qualquer coisa, tudo ou nada. Piza é sempre bom.

— Falamos a mesma língua. Bem, e como foi o teu fim de semana?

— Também produtivo. Eu e a Nina plantámos uns amores-perfeitos. Fazem-me sorrir sempre que saio ou chego a casa.

— A companheira de casa que trabalha num centro de jardinagem.

— Exatamente.

— São boas amigas.

— Sim, somos. — A primeira amiga de verdade e permanente que ela fizera na sua vida nómada. — É ótimo ter alguém que entende os nossos ritmos. Ela costuma levantar-se e sair antes de eu me levantar para ir trabalhar, e normalmente deita-se antes de eu voltar do Next Round.

— Provavelmente isso ajuda. Quer dizer, vocês têm os vossos horários, por isso é bom terem o vosso próprio espaço.

— Pois. E assim, quando partilhamos esse espaço, desfrutamos da companhia uma da outra. É estranho não ter uma rotina, vizinhos e amigos por perto?

— Neste momento, estou bem assim. — Luke recostou-se; um homem confortável na sua pele, autoconfiante. E isso atraía-a muito. — Calculo que um dia hei de querer fixar-me, assentar. Mas assim conheço grande parte do país, conheço muita gente interessante. — Exibiu o seu rápido e deslumbrante sorriso. — Como tu.

Morgan decidiu que ele tinha um bom ritmo. Era sedutor na medida certa.

— Tu deves gostar do teu trabalho e eu não posso deixar de pensar que és muito bom no que fazes.

— Eu adoro o meu trabalho. Criar sistemas que se adequem às necessidades dos clientes. Resolver problemas, facilitar a vida das pessoas, expandir os seus horizontes. Talvez um dia me mostres a tua casa e eu possa dar-te algumas ideias.

— Talvez.

Ele sorriu outra vez.

— Então, piza.

Morgan acabou por beber dois copos de vinho e desfrutou de cada minuto. Ele contou-lhe histórias, como havia concebido um sistema inteligente para um rancho em Butte, Montana, enquanto via bisontes a pastar no campo.

E Luke ouviu os planos dela para a nova cozinha e até fez sugestões, algumas tão boas que ela as adicionou à sua lista de sonhos e esperanças.

Ele sugeriu um passeio.

A brisa da noite estava um pouco agreste, mas sabia bem depois do calor do restaurante. E havia muito tempo que ela não dava um passeio com alguém, que ninguém lhe dava a mão.

Eram quase dez, muito mais tarde do que havia planeado, quando ele a acompanhou ao carro.

— Gostava de voltar a ver-te assim. Não é que eu não goste de me sentar ao balcão enquanto tu trabalhas, mas gostava de voltar a ver-te assim. A minha agenda é flexível. Posso adaptar-me à tua.

Talvez Nina se tivesse enfiado na sua cabeça, mas Morgan deu por si a convidá-lo para jantar.

— Na próxima segunda-feira, em minha casa. É quando tenho mais tempo.

— Sabes cozinhar?

— Não. Terei de acrescentar isso à minha lista de coisas a aprender, mas não.

— A Nina sabe.

— Não, mas a mãe dela sim e vai ajudar-nos a preparar alguma coisa, se estiveres disposto a arriscar.

— A aventura é a minha cena. Pode ser às sete?

— Claro. Às sete está ótimo.

— Estarei lá. Dás-me a tua morada?

Ela estendeu a mão para que ele lhe entregasse o telemóvel e acrescentou a morada aos contactos.

— Posso dar-te indicações.

— Eu sou muito amigo do Senhor Google. Ainda vou passar pelo bar. Talvez tente a minha sorte com os dardos.

— O Roddy é um arraso.

— Vou arriscar.

Luke inclinou-se para a frente e Morgan interpretou isso como um gesto subtil. Os lábios dele tocaram os seus na medida certa. Ele não pressionou, mas causou impacto. E as borboletas que ela não sentia há muito, muito tempo remataram a noite na perfeição.

— Boa noite, Morgan.

— Boa noite. Gostei muito.

— Eu também. Conduz com cuidado.

Ela conduziu com cuidado, embora se sentisse a flutuar um pouco devido à emoção de um beijo de boa-noite.

E quando entrou a flutuar em casa, Nina, reluzente dos seus próprios cuidados e confortável no seu pijama, estava à espera dela.

— Bem, pela tua cara foi um primeiro encontro espetacular. Conta-me! Ele atirou-se a ti?

— Na medida certa. Gosto mesmo dele. — Morgan soltou um suspiro de felicidade e sentou-se numa poltrona. — É simpático e é divertido conversar com ele. Já estive em muitos lugares e conta boas histórias. E escuta. — Levantou os ombros e deixou-os cair. — E quando me deu um beijo de boa-noite, senti borboletas na barriga.

— Que tipo de beijo? Sê detalhada.

— Posso dizer que foi suave e um bocadinho sonhador. Sem pressão, nem paixão. Apenas simples e eficaz. Acabei por convidá-lo para jantar na próxima segunda-feira.

— Uau! — Nina levantou-se de um salto e fez uns passinhos de dança. — *C'um* caraças. Ele não te drogou, pois não? Ou usou algum truque para controlar a tua mente?

— É um homem simpático, atraente e interessante. Só isso.

— É mais do que suficiente. Pediremos à minha mãe que nos ajude a cozinhar alguma coisa. Ou preferes que eu desapareça na segunda-feira?

— Não. — A resposta foi imediata e decisiva. — Por favor, não desapareças. Se não estivesses cá, eu não o teria convidado.

— Será melhor convidar o Sam?
— Sim, para a coisa ficar mais equilibrada. Nada muito elaborado, Nina. Um jantar simples, agradável. Algo descontraído.
— Descontraído e *sexy*. Nós conseguimos, Morgan.
— Se não conseguirmos, encomendamos comida. — Levantou-se. — Tenho de me preparar para deitar. Tu devias fazer o mesmo. Amanhã entras às oito.
— Estou a ir, estou a ir, mas primeiro vou mandar uma mensagem à minha mãe para que ela possa ir pensando no que devíamos preparar. Não te vou desejar bons sonhos, porque isso está garantido. Até amanhã. Ah, mal posso esperar para conhecer o homem que Morgan Albright convidou para jantar!

Luke passou pelo bar na noite de terça-feira. Encetou de imediato conversa com ela e com alguns dos clientes habituais. Aperfeiçoou um bocado a sua habilidade com os dardos; até tinha jeito. Tomou as suas duas cervejas e comeu umas asinhas de frango.

— Arranjaste um namorado. — Gracie oscilou as sobrancelhas.
— Não. Ele só estará por cá alguns meses.
— Eu não disse que era o amor da tua vida. — Quando as luzes piscaram para avisar que o bar estava quase a encerrar, Gracie rolou os ombros. — Lábia não lhe falta. Eu não confio nisso. Há uns quinze anos, tive quase um primeiro marido. Ele tinha lábia. Tinha tanta lábia que saía da minha cama para se enfiar na da minha prima Bonnie.
— Ainda bem que ele não é quase meu marido.
— Então, podes desfrutar da lábia dele.

E porque não?, pensou Morgan quando ele entrou no bar na noite de *quiz*. Para si, o facto de ele ter participado fê-lo ganhar alguns pontos.

Tinha um homem interessante nitidamente atraído por ela e, devido aos seus horários, não passavam muito tempo a sós. E os dois pareciam tranquilos com isso.

O que não significava que ela não estivesse expectante com a noite de segunda-feira, com receio de cozinhar e ansiedade devido ao síndrome do segundo encontro.

Na segunda-feira, tendo compensado algum tempo, saiu uma hora mais cedo do trabalho diurno. Regressar a casa de bicicleta e sentir o ar ameno que havia finalmente chegado em abril deixou-a animada.

Em poucas semanas a primavera chegaria em força e haveria explosões de cor por toda a parte. Morgan viu que algumas das forsílias do bairro já

ostentavam os seus botões amarelos fortes e que o grande salgueiro da esquina do seu quarteirão começava a cobrir-se de verde.

No seu jardim, as tulipas desabrochavam num tom vermelho-escuro e as azáleas que Nina a aconselhara a levar, no dia em que se haviam conhecido no centro de jardinagem, tinham brotado e em breve exibiriam o seu rosa encantador.

Talvez fosse tolice, mas tê-las fazia-a sentir que pertencia ao bairro.

Estacionou a bicicleta, sorriu para os amores-perfeitos e entrou em casa, onde a música bombava.

Obviamente, Nina havia chegado primeiro que ela.

Deixou as chaves na tacinha da mesa junto à porta, pendurou o casaco, meteu a mala no mesmo armário e depois encaminhou-se para o caos da cozinha.

Nina tinha o cabelo apanhado num rabo de cavalo e usava um avental salpicado sabia Deus de quê. A mãe de Nina havia-lhe dado um avental e enviado outro a Morgan.

O pequeno balcão estava apinhado de frascos, potes e polvilhadores. De onde se encontrava Morgan, parecia que o avental novo de Nina tinha salpicos de tudo.

— Consegui! — exclamou Nina de olhos arregalados e um tanto tresloucados. — Fiz a marinada para as costeletas. Consegui, Morgan. — Abriu o frigorífico. — Vês?

Morgan inclinou-se com cuidado e espreitou através da película transparente para a tigela de vidro que a mãe de Nina havia emprestado expressamente para aquele propósito.

— Consegui com estas mãos!

— E parece — Morgan aproximou-se mais um pouco — e cheira como devia. Precisas de te sentar?

— Talvez. Tu tens de tratar das batatas. Jantar com homens tem de ter carne e batatas. E como já estamos em abril, espargos. E temos de cozinhar isso tudo, pôr a mesa de uma maneira bonita e aperaltarmo-nos.

» O que nos passou pela cabeça?

— Agora é demasiado tarde para pensar nisso. A mesa não é problema, tens isso controlado. Mas se tiveres alguma dificuldade, eu posso ajudar. No canal HGTV estão sempre a mostrar decoração de mesas. Eu posso tratar das malditas batatas. Se tu conseguiste fazer a marinada, eu consigo fazer as malditas batatas. Deixa comigo.

Morgan pôs o avental. Quando acabou de lavar as batatas e de as cortar em pedaços como mandava a receita da mãe de Nina — preocupando-se depois por não estarem do mesmo tamanho e pelo que poderia isso significar

—, ficou satisfeita ao ver que o seu avental não parecia tanto um quadro de Jackson Pollock como o de Nina.

Seguiu à letra as instruções da mãe de Nina, o que não foi propriamente fácil visto que, em vez de medidas precisas, a senhora mandava-a usar os olhos e o nariz.

Então, Morgan começou. Misturou especiarias numa tigela, cheirou e olhou. Depois de envolver tudo e de adicionar o azeite, dispôs as batatas num tabuleiro de forno e fez figas.

Deixou a mesa para Nina, que era especialidade da amiga, e lançou-se na limpeza da cozinha, que era especialidade sua.

Já exausta, trocou a roupa de trabalho por umas calças curtas caqui e uma *t-shirt* rosa-vivo e perguntou-se, honestamente, como é que as pessoas conseguiam fazer aquele tipo de coisa todos os dias. E ainda tinham de tratar dos espargos e aquecer os pãezinhos. Voltou a pôr o avental.

Nina, que parecia fresca como uma erva, encontrou-a no corredor.

— Então pomos só umas azeitonas, queijo e vegetais crus. Somos boas nessa parte. É uma pena que a cozinha seja tão pequena, assim não há espaço para podermos conviver todos.

— Na próxima primavera — prometeu Morgan. — Cheira mesmo bem aqui, Nina. Como se soubéssemos o que estávamos a fazer. — Na cozinha, encostaram-se uma à outra para espreitarem para dentro do forno. — Também parece bem. Tens a certeza de que são só, tipo, dez minutos para os espargos?

— A minha mãe é que sabe — disse Nina com voz solene. — Mas cortamo-los antes que eles cheguem, ou seja, agora. Depois, lá para as sete e um quarto, começamos a preparar os espargos com toda a naturalidade. Que cinco minutos queres? Salteados ou vapor?

— Meu Deus. Meu Deus. Vapor.

— Essa é a parte que eu quero fazer. — Nina estendeu um punho. — À melhor de três.

— Raios — sibilou Morgan quando a pedra de Nina esmagou a sua tesoura.

Às sete, tinham a música a tocar baixinho, o forno em baixa temperatura e os acepipes preparados.

Bateram à porta.

— Tirar os aventais! — ordenou Nina.

Abriram a porta juntas e viram os dois homens no alpendre.

— Estacionámos ao mesmo tempo. — O adorável Sam, com os seus óculos de armação de tartaruga, ofereceu um ramo de tulipas rosa a Nina e uma garrafa de vinho a Morgan.

— Eu farei o inverso. — Luke entregou um punhado de jacintos lilases

numa jarra redonda de vidro a Morgan. — Olá, Nina. Sou o Luke. — E estendeu-lhe outra garrafa de vinho.

E, depois de todo o trabalho e preocupação, afinal foi fácil.

Apinharam-se na cozinha com a desculpa de tomarem um copo de vinho antes do jantar. Aos olhos de Morgan, parecia que Luke e Sam estavam a criar laços rapidamente — o informático e o descontraidíssimo *gamer* tinham muito que conversar.

Na esperança de que a boa sorte continuasse, Morgan pôs manteiga na frigideira para saltear os espargos.

— Nada como uma refeição caseira quando se está de viagem. — Luke deu-lhe um beijo desinibido na face. — Muito obrigado.

— Esperemos que acabe sendo uma refeição caseira e não um grito de socorro.

Ele riu-se.

— Tem um cheiro fantástico. Importas-te que eu vá lavar as mãos?

— À vontade. Corredor à esquerda da sala, porta à direita.

— Falta pouco mais de dez minutos — anunciou Nina, e Sam rodeou-a com um braço.

— Não posso acreditar que vocês fizeram isto tudo. Trabalharam o dia todo e depois prepararam uma refeição destas.

— Ainda não provaste — lembrou-lhe Morgan.

— Trabalharam o dia todo — repetiu Sam, e beijou Nina no cocuruto. — E passaram este tempo a fazer o jantar.

Satisfeita, Nina levantou o rosto para um beijo.

— Muito bem, aqui vai. — Morgan deitou os espargos sobre a manteiga derretida e marcou cinco minutos no telemóvel. Mexeu e sacudi a frigideira, e tentou usar os olhos e o nariz com o sal e a pimenta.

Enquanto ela se ocupava da frigideira, Sam ajudou Nina a tirar as costeletas e as batatas do forno e a meter os pãezinhos a aquecer.

— Trabalho de equipa. Terminaram os meus cinco minutos. É a tua vez, Nina.

Trocaram de lugar, com Morgan a dispor as costeletas numa travessa da mãe de Nina e a decorar com alecrim fresco, como indicava a receita.

— Desculpa — disse Luke quando voltou à cozinha. — Recebi um telefonema e tive de atender.

— Sem problema, estamos a acabar. — Morgan olhou para ele. — Está tudo bem?

— Ah, sim, foi só uma pequena alteração na agenda de amanhã. Posso ajudar?

— Podes voltar a encher os copos de vinho, caso precisemos.
À mesa, depois da comida servida, Sam deu a primeira dentada.
— Delícia — disse ele a Nina, e sorriu para Morgan. — Outra delícia.
Nina provou um pedaço de costeleta.
— Oh. Somos boas nisto, Morg. E agora?
— Comida caseira ambulante. Meninas? — Luke levantou o seu copo. — Um brinde às chefes.
— E à mamã. Deixámo-la orgulhosa, Morgan.
Apesar do dia longo, Morgan desfrutou de cada minuto. Um jantar a sério com convidados em sua casa; uma estreia que não incluía comida de fora. Conversa, risos, umas quantas carícias da mão de Luke na sua.
Achou amoroso que os homens insistissem em tratar da louça e depois relaxou com o café e uma fatia de bolo *red velvet* comprado na pastelaria.
— Detesto ser desmancha-prazeres. Esta noite será um ponto alto da minha viagem, mas a mudança de agenda obriga-me a estar noutra local às oito da manhã.
— Para onde vais? — perguntou-lhe Sam.
— Vão levar-me a Baltimore. Um investidor imobiliário comprou um par de casas geminadas e quer juntá-las numa só, com tecnologia inteligente. Parece que terei de lá ficar uns dois dias. Talvez três. — Luke encolheu os ombros. — Encaixaram isto na minha agenda no final da última semana. Um amigo de um dos padrões.
— Oito da manhã em Baltimore. Vais ter de te levantar cedo.
Luke anuiu com a cabeça em direção a Nina.
— Sim, sem dúvida, e será um bom desafio. Converter um par de casas geminadas antigas numa pequena mansão inteligente... sem apagar a sua história. — Olhou em volta. — Adoraria equipar-te a casa, Morgan. Tens aqui uma boa infraestrutura.
— Também acho. Quando aquela parede vier abaixo, talvez adicione tecnologia, para além de espaço.
— Quando o fizeres, liga-me. Arranjarei forma de trabalhar contigo. Prometo. Obrigado, Nina, e agradece à tua mãe. — Levantou-se. — Estava tudo espetacular. Foi um enorme prazer conhecer-te, Sam. E deverei conseguir dar uma olhadela ao teu sistema na próxima semana. Há sempre forma de melhorar mais um bocadinho.
— Seria fantástico.
Morgan acompanhou-o à porta.
— Passarei pelo bar quando voltar. Dois ou três dias. Posso enviar-te mensagens quando me sentir sozinho no quarto de hotel em Baltimore?

— Claro.

— Posso levar-te a jantar fora quando voltar? Talvez algo um pouco melhor do que pizza?

— Parece-me bem.

Quando a beijou, um pouco mais profundamente do que da primeira vez, pressionando mais o corpo contra o dela, Morgan pensou que lhe parecia muito bem.

— Boa sorte em Baltimore.

— Quando se é bom, não é preciso sorte... mas aceito. Boa noite e muito, muito obrigado pelo jantar.

Morgan viu-o encaminhar-se para o carro junto ao passeio, numa noite de abril em que havia começado a chover. E, quando fechou a porta, pensou que talvez, de uma maneira um tanto ou quanto estranha, tivesse um namorado. Temporariamente.

Nina assomou à entrada.

— Ouvei a porta fechar, por isso... Gostei muito dele!

— Eu também. — Sam surgiu a seguir.

— E eu, por isso é unânime.

— Devias tê-lo convidado para jantar em casa da minha mãe no próximo domingo. Ela é a tua mãe em Maryland e ia adorar.

— Talvez. Pensarei nisso. Vou recolher-me. Vemo-nos de manhã, Sam?

— Parece que sim — disse Nina, e fê-lo sorrir de orelha a orelha.

Morgan preparou-se para se deitar. Quando estava a enfiar-se na cama, recebeu uma mensagem de texto de Luke:

Quarta, o mais tardar na quinta. Sentirei a tua falta até lá.

Morgan sorriu e sentiu um calor invadi-la, mas hesitou. Depois abanou a cabeça e respondeu com a verdade:

Também sentirei a tua falta. Boa noite.

Quando se estendeu na cama, ainda estava a sorrir.